

Entrevista

Entrevista com Elísio Estanque

Elísio Guerreiro Estanque é sociólogo, professor da Universidade de Coimbra, e pesquisador do Centro de Estudos Sociais (CES). Como professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), esteve no Brasil no primeiro semestre de 2007 para, entre outras coisas, ministrar a disciplina “Desigualdades, Relações Laborais e Movimentos Sociais”. Possui pesquisas sobre movimento operário, sindicalismo e relações laborais; e, mais recentemente, tem se dedicado a investigar o movimento estudantil em Coimbra. Nesta entrevista, concedida a Ana Carolina Mennella e Pedro Iemma Meira, Elísio Estanque fala, entre outros assuntos, sobre as relações entre a sociologia portuguesa e a brasileira, sobre os movimentos estudantis dos dois países e sobre o CES, dando continuidade ao tema da entrevista com Sérgio Costa publicada no número anterior da *Revista Plural* – a internacionalização das ciências sociais.

Plural: Conte-nos um pouco sobre sua trajetória na sociologia.

Elísio Estanque: Estudei em Lisboa (ISCTE, a primeira e mais importante escola de sociologia em Portugal), na primeira metade dos anos oitenta. Comecei o curso com a curiosidade natural de uma época em que a intervenção social e política no meu país havia entrado em refluxo, no período pós-Revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974). Como então já trabalhava, aproveitei essa circunstância para fazer alguns trabalhos sobre as questões laborais. No final do curso fiz com outros colegas

uma monografia sobre ação coletiva e sindical centrada numa empresa que estava então em processo de falência. Terminei o curso com uma boa média, apesar de só nos anos finais ter investido a sério. Quando surgiu um concurso aberto para a carreira acadêmica em Coimbra (onde Boaventura de Sousa Santos já era um nome conhecido) aproveitei e candidatei-me, sem conhecer ninguém em Coimbra nem ter contato com a cidade. Fui admitido e passei desde então a integrar este núcleo de pessoas que, apesar de na sua maioria não terem tido uma formação em so-

ciologia, faziam estudos sociais de grande qualidade sobre a sociedade portuguesa. Acabei por dedicar-me aos temas do trabalho e do sindicalismo. Diga-se que no início a adaptação não foi muito fácil, pois estava habituado a uma cidade maior, mas acabei por ficar e creio que fiz bem.

Plural: *O senhor esteve no Brasil como professor convidado do Departamento de Sociologia da USP, durante o primeiro semestre de 2007. Do seu ponto de vista, qual a importância desse tipo de intercâmbio?*

Estanque: É extremamente importante, porque o fator cultural e lingüístico aproximam bastante os dois países e facilitam muitíssimo a adaptação. Por outro lado, creio que as universidades e a atividade acadêmica de ambos os lados do Atlântico só têm a ganhar com o aprofundamento deste tipo de intercâmbio.

Plural: *O que o senhor considera como o ponto mais positivo de sua estada no Brasil, em termos acadêmicos?*

Estanque: Sentir-me parte de um corpo docente de grande qualidade, onde me foi dada toda a atenção, e ao mesmo tempo constatar a grande abertura, informalidade e vontade de reflexão dos meus estudantes acerca das temáticas que lecionei na USP.

Plural: *Em um texto publicado em seu blog, o senhor chega a dizer que no Brasil é possível observar a existência não de fronteiras, mas sim de barreiras de classe. Poderia indicar os elementos que o levaram a tecer essas impressões sobre a desigualdade social brasileira?*

Estanque: Na verdade é uma realidade que já conhecia antes. Porém, quando se tem mais tempo para circular numa metrópole

como São Paulo, fica muito evidente a força das desigualdades e das barreiras de classe. Elas detectam-se mesmo no espaço físico. Certos bairros típicos de classe alta ou média-alta vivem o seu cotidiano, por um lado com a obsessão da segurança e, por outro, com um estilo de vida ostentatório e “europeu” que manifesta toda a indiferença ou mesmo desprezo pela pobreza em que se encontram os que estão ali ao lado, na favela ou na moradia mais degradada. Além disso, por exemplo no contato com os empregados de café ou nos hotéis, chega a tornar-se chocante a barreira social que se introduz entre as pessoas de estatutos diferentes, intangíveis e que só se relacionam na base de interações vincadamente de poder. A postura de arrogância da classe média brasileira face à pobreza e às classes baixas é muito evidente. As relações de classe, os contrastes sociais são aqui bem mais chocantes do que na Europa, devido ao que faz sentido a ideia de um “racismo de classe”, já que as contradições são ao mesmo tempo de base socioeconômica, racial e étnica.

Plural: *Ultimamente o senhor tem se dedicado ao estudo do movimento estudantil em Portugal, mais especificamente em Coimbra. Durante sua estada no Brasil, deflagrou-se um movimento de greve nas universidades públicas paulistas, inclusive com a ocupação da reitoria da USP por estudantes e funcionários da mesma. Diante dessa experiência, como observou essa ocorrência no Brasil e quais são as semelhanças (se existem) entre os movimentos estudantis brasileiro e portugueses?*

Estanque: Para mim foi uma coincidência feliz que o movimento de ocupação da USP tenha ocorrido durante a minha estada aí.

Porque isso me permitiu observar de perto (e até por dentro) todo esse processo, que achei muito interessante, quer do ponto de vista sociológico, quer mesmo enquanto cidadão. Deu para ver melhor algumas das contradições e clivagens existentes na universidade, deu para notar que muitos dos problemas são semelhantes àqueles com que se debatem hoje as universidades portuguesas e deu para confirmar que a juventude universitária brasileira é hoje bem mais desperta e consciente do seu papel sociopolítico do que a portuguesa. No que respeita ao ativismo estudantil e às próprias contradições no seio do movimento apenas encontrei algumas semelhanças com a minha própria experiência há 30 anos atrás em Portugal, embora, claro, com contornos distintos. O movimento estudantil em Coimbra já foi muito forte no passado, mas atualmente assiste-se a uma certa forma de “massificação” e de consumismo por parte dos estudantes, que se mostram bastante indiferentes em relação à participação associativa e cidadã. Hoje o estudante típico preocupa-se apenas em fazer o seu curso, beber uns chopes e vive centrado no receio de não conseguir um emprego decente, após o final da graduação. Infelizmente, a universidade não passa a mensagem de como são importantes as atividades colaterais ao estudo, seja no campo da cultura, seja no associativismo. Isso é perigoso porque a universidade e a ciência que ela produz têm de manter um papel formativo mais abrangente que pode e deve contribuir para consolidar a cidadania e a cultura democrática. A Universidade não é um simples instituto de formação profissional.

Plural: E quanto à reação das autoridades em momentos de tensão, como o mencio-

nado, o senhor pôde notar alguma semelhança ou diferença entre os dois países?

Estanque: As autoridades agiram em certos momentos com alguma arrogância, mas na verdade, foram os poderes político e judiciário que controlaram a sua atuação. Creio que o fato de não se ter avançado com uma expulsão forçada dos ocupantes da reitoria, apesar da ordem de restituição de posse, foi uma atitude inteligente, acredito que sempre acompanha pelo Governador José Serra. No geral, creio que as autoridades agiram de modo ponderado, como se espera e exige num regime democrático.

Plural: Mudando de assunto, como o senhor avalia a projeção da sociologia brasileira hoje, em Portugal.

Estanque: Hoje a sociologia brasileira projeta-se em Portugal essencialmente por três vias: primeiro, através da qualidade de alguns dos seus nomes consagrados em áreas temáticas específicas; segundo, através da cooperação entre centros de pesquisa e universidades, com uma presença regular de professores brasileiros nas universidades portuguesas e nos encontros internacionais organizados em Portugal; e em terceiro lugar, através de uma presença crescente de estudantes brasileiros nos nossos programas de pós-graduação. Essas atividades têm sido reforçadas nos últimos tempos, até porque, com a pressão geral para a internacionalização das instituições e a procura de mais redes acadêmicas, as relações luso-brasileiras reforçam-se cada vez mais. Merece ainda destaque o ciclo de congressos Luso-Afro-Brasileiros de ciências sociais - iniciados em Coimbra em 1990 e que com o próximo encontro, previsto para Braga em dezembro do próximo ano,

alcança a sua X edição -, que tem contado com a participação de largas centenas de sociólogos brasileiros.

Plural: *Como é a relação da sociologia portuguesa, hoje, com a do restante da Europa? Há diálogo e troca de informações satisfatórias?*

Estanque: Sim, há uma grande ampliação das redes e relações no campo da pesquisa e do ensino superior, contando também com a ajuda do intercâmbio promovido pelo programa Erasmus para a mobilidade de estudantes. Por outro lado, os múltiplos congressos temáticos ou, por exemplo, os organizados pela European Sociological Association contam sempre com o envolvimento de diversos centros e sociólogos portugueses. Hoje os principais centros de pesquisa de sociologia em Portugal mantêm relações de cooperação com outros centros e escolas internacionais, em especial na comunidade europeia, até porque existem programas de financiamento de pesquisas e intercâmbios (a partir de linhas de apoio da União Europeia) que colocam como requisito a participação de unidades de diferentes países da União.

Plural: *O intercâmbio de informações e de pesquisadores brasileiros e portugueses, na área da sociologia, é hoje muito pequeno em vista do que poderia ser, dadas as facilidades de comunicação entre os dois países. O senhor concorda com essa afirmação? Em caso positivo, teria alguma sugestão do que poderia ser feito para melhorar esse intercâmbio?*

Estanque: Eu diria que esse intercâmbio existe e tem aumentado cada vez mais. A questão é que para a dimensão de Portugal ele é grande, mas para a dimensão do Bra-

sil é pequeno. O número de projetos e de intercâmbios aumenta a cada ano e isso se deve, creio eu, a que as universidades brasileiras apostam cada vez mais nessa cooperação como forma de responder às exigências de cooperação. Porém, como os países e as universidades ocidentais em geral também têm um interesse crescente em cooperar com as da América Latina, isso faz aumentar a concorrência. Por outro lado, é verdade que os intercâmbios poderiam ser maiores do que são, em especial por parte das melhores universidades do Brasil, como por exemplo a USP. A meu ver, isso se deve a três fatores: primeiro, as instituições de melhor estatuto já são bastante aliciadas pelas grandes e ricas universidades americanas, inglesas, francesas, etc; segundo, porque as elites brasileiras - incluindo a elite acadêmica -, seguindo de resto um velho hábito da elite intelectual portuguesa, tende a preferir os centros de saber francófonos ou anglo-saxônicos em vez dos portugueses; terceiro, por desconhecimento e talvez algum preconceito relativo a Portugal (afinal fomos a metrópole colonizadora), há setores da universidade brasileira que não compreendem o quanto o nosso país mudou nos últimos trinta anos e a qualidade das nossas universidades em diversas áreas (onde se colocam ao nível das melhores da Europa).

Plural: *Conte-nos sobre o CES: qual sua origem e quais são as linhas de pesquisa atuais?*

Estanque: O CES nasceu formalmente em 1978, com o propósito de publicar a Revista Crítica de Ciências Sociais. Mas foi a partir de finais dos anos oitenta que de fato se impôs como centro de pesquisa, tendo o grupo inicial desenvolvido um

estudo coletivo sobre a sociedade portuguesa (publicado no livro *Portugal - Um Retrato Singular*), em que a mesma foi caracterizada como uma sociedade semiperiférica da Europa. Ao longo dos anos noventa, o CES cresceu imensamente, internacionalizou-se, desenvolveu inúmeros projetos e outras iniciativas, concebemos e promovemos o ciclo de Congressos Luso-Afro-Brasileiros de Ciências Sociais e decidimos estrategicamente apostar nas relações com a América Latina. Criamos a biblioteca Norte-Sul, que se destina a ser uma plataforma de ligação entre a produção acadêmica das ciências sociais do Sul e do Norte, mas dedicada aos problemas dos países do Sul. Fizemos projetos comparativos internacionais (por exemplo, *Reinventar a Emancipação Social*, coordenado por Boaventura de Sousa Santos, o diretor do centro), privilegiando uma sociologia crítica, conceptual e metodologicamente rigorosa, e orientada para a transformação social, isto é, sem abdicar da afirmação dos valores democráticos e progressistas. Entretanto, o CES, após ter sido avaliado e reconhecido como centro de excelência, conquistou há cinco anos o estatuto de Laboratório Associado do Estado, o que lhe deu outra dinâmica e o obrigou a assumir mais responsabilidades, quer na pesquisa quer na prestação de serviços de extensão (designadamente os Cursos de Formação Avançada) destinados à comunidade. O CES tem atualmente mais de cem investigadores, cerca de uma dezena deles são pesquisadores de carreira (contratados no âmbito do Laboratório Associado) recrutados através de concursos internacionais, com diferentes perfis e falantes de línguas distintas. Foi recentemente criado o CES-

América Latina, isto é, uma delegação do CES que organiza os pesquisadores que estudam e mantêm ligações com o continente sul-americano, com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais. As linhas de pesquisa são muito variadas: estudos sobre o sistema judiciário e o direito; os temas da ciência, conhecimento e tecnologias; etnografias e saberes comunitários africanos; estudos sobre a cidade e as culturas urbanas; Estado e políticas sociais; desigualdades de classe e de gênero; trabalho e sindicalismo; movimentos sociais e democracia participativa; temas da universidade e movimentos estudantis; política e geoestratégia internacional, a paz e a guerra; as relações pós-coloniais; as migrações; estudos culturais e humanidades, etc.

Plural: Existe a possibilidade de estudantes e pesquisadores brasileiros fazerem parte do CES? Como eles devem proceder?

Estanque: Fazem parte do CES os pesquisadores que integram projetos aí sediados. Em geral, começa-se sendo investigador associado ou investigador júnior (no caso de bolsistas que integram equipas de projetos de pesquisa) após um primeiro trabalho de pesquisa. Depois, essas pessoas poderão ser propostas mais tarde para passarem a investigadores permanentes (a proposta é em princípio feita por um membro do CES e tem que ser aprovada pelo Conselho Científico). Em todo o caso, a geração mais jovem de cientistas sociais brasileiros que pretenda colaborar com o CES tem agora várias possibilidades: primeiro, candidatando-se a um dos programas de doutorado ou de mestrado ligados ao CES (www.ces.uc.pt) e que decorrem na Faculdade de Econo-

mia da Universidade de Coimbra - FEUC (www.fe.uc.pt); estes programas envolvem professores que são também investigadores do CES e estão estritamente articulados com os projetos realizados no centro. O CES é, na área das ciências sociais, um centro de excelência de nível europeu e

aquele que mais trabalho teórico e empírico tem desenvolvido nos últimos vinte anos sobre a América Latina e os países do Sul, nessa medida beneficiado imensamente com o trabalho teórico de ponta do seu diretor, Boaventura de Sousa Santos, hoje reconhecido como um sociólogo crítico de nível mundial.

A Comissão Editorial da Revista Plural agradece ao Professor Elísio Guerreiro Estanque a gentileza de conceder esta entrevista.

Contatos

Email: elisio.estanque@gmail.com

Blog: <http://boasociedade.blogspot.com>